

O unitarismo é uma filosofia da história que analisa a mesma a partir de dois padrões ético-dialéticos, numa abordagem acessível à sociedade marginalizada pelo cientificismo, que produz e circula a sua produção a si e para si mesma, na ilusão de fazê-los para a sociedade.

A dialética unitarista tem como tese o amor incondicional para com todos, tratando o erro com humildade, como um elemento característico natural do ser humano que ainda está vivo e se esforça para sobreviver dentro de um sistema social desumano, opressor e inibidor ao socialismo global, que bem poderia emergir nos indivíduos sem discriminações. Essa tese é ao mesmo tempo um padrão ético-humano à luz do qual a sociedade pode se locomover em direção a sua humanização ainda não encontrada, mas que deve ser buscada com maior intensidade que qualquer outro elo. Esse transporte humanizante de desenvolvimento global-social, tem como passageiro mais antigo, a própria natureza que coloca toda a sua produção a serviço de todos sem distinção ou discriminação. Outro passageiro indicado pela história é a própria comunidade silvícola, fragmentada em diversas partes do mundo que, pela abstração natural, adotaram a mesma prática mesmo sem tecnologia de multiplicação da produção como hoje dispomos na sociedade capitalista; eles distribuem em igualdade, numa fraternidade autêntica, o pouco que conseguem produzir, coletar ou caçar. Existe por fim o outro passageiro (quando me refiro a passageiro, é pela transitoriedade do animal humano), que está (alguns) à margem e ainda não conseguiu embarcar no transporte humanizante pela prática do amor incondicional, em todas as dimensões sociais, estando cheio de vontade de fazê-lo, mas não sabendo ainda como deva se orientar, se teve o privilégio de senti-lo ou abstraí-lo, não teve todavia o privilégio de praticá-lo. Por uma simples razão, a cultura dominante não contribui para esse tipo de transporte nem para os seus mentores, tampouco para os seus subordinados mais próximos.

Nesse paradoxo, ficamos a ver navios, com coquetel e tudo, morrendo na praia a cada instante, submergidos em água de esgoto e resíduos em abundância.

A antítese é o padrão ético do egoísmo incondicional generalizado a todos, este tem sido o veículo de transporte social criado pelo homem e por suas sociedades deterministas, desumanas e opressoras, desde há milhares e milhares de anos, em todas as dimensões da prática humana. Esta conduta egoísta visa a obter vantagem em tudo avassaladoramente, de modo direto e impiedoso, sobre todos.

Se o egoísmo tem o privilégio de galgar o poder, ele coloca a dinâmica deste ao seu serviço, e não em proveito da sociedade. Quem está vinculado ao transporte padrão ético

O Unitarismo

EZEQUIEL S. DOS SANTOS

Formando do Depto. de História
CEG - UFES

egocêntrico- incondicional, mesmo que possua boa vontade, sua conduta ou prática diária será inevitavelmente desumana e desumanizante, pois só verá segundo a visão ótica delineada por seu interesse pessoal, prioridade permanente. Para isso se serve de todos meios lícitos e ilícitos existentes ou mecanismos criados para as situações específicas, concebidas propositalmente para manter a ordem desumana, contra todos os opositores ou prováveis concorrentes. Está, dessa forma, a conotação do erro ou a discordância elementar atrelada à punição e marginalização mesmo que o impasse vise unicamente à discussão de idéias no intuito de se alcançar o bem estar social.

Segundo Sigmundo Freud, em seus trabalhos sobre o desenvolvimento afetivo da criança, ela é narcisista (ou egocêntrica), naturalmente, até aproximadamente aos cinco anos, quando ela procura centralizar todos os objetos e as pessoas sob sua atenção, usando até a força para alcança-los. Entretanto, isso é passageiro, e à medida em que a criança vá se desenvolvendo, ela começa a perder tal conduta, compartilhando com os outros todos os seus sentimentos, alegrias, angústias.

O desenvolvimento cognitivo também foi desenvolvido pelo psicólogo suíço Piaget, nessa mesma perspectiva, na verdade de maneira mais clara, mas depois da puberdade, o indivíduo está pronto para receber uma cultura madura à altura de sua maturidade físico-emocional. Porém, a cultura que herda se reverte numa atrofia que desumaniza pela imposição cultural caótica, formada pelo padrão ético-egoístico e incondicional, que cria o arcabouço funesto e o apresenta como um modelo humanizante, impondo-o definitivamente. Esse modelo ético egoístico incondicional mesmo estando ao nível infantil, em sua relação social quando centraliza tudo e utiliza a força para alcançar a satisfação do poder, representa o atraso e a violência irracional que os seus agentes estão impondo a sociedade sobre a natureza violentada constantemente, expressando também a ingenuidade social, a fraqueza diante do monstruoso sistema milenar que se aperfeiçoa e se fortalece a cada período histórico, usando toda a sua produção social, a mais valia e outros recursos a seu serviço, que é a desumanização.

A síntese, como já inferimos acima, pode ser a desumanização ou a humanização. Se a sociedade optar pelo padrão ético do amor incondicional para com todos, ela iniciará a criação de uma cultura nova e humanizante, onde todos os recursos sociais serão colocados à disposição da comunidade humana, visando ao aperfeiçoamento global da sociedade. No entanto, se a sociedade e os homens que nela vivem por falta de consciência ou inconscientemente optar pelo padrão ético-egoístico incondicional, ela estará elegendo o extermínio gradativo tanto no aspecto social quanto ao que corresponde à saúde física do nosso habitat planetário.

Para se iniciar a humanização social se faz necessária a distinção entre os dois padrões éticos na sociedade, também a análise social sobre qual padrão ético vivenciado pela sociedade deverá ser adotado, se ela está sendo agente do egoísmo incondicional.

Após esta análise, se identificará os agentes egoístas e onde é que eles estão, isto é, em que setor da sociedade eles se encontram e, o peso que cada um deles representa como agentes da desumanidade. Identificando como esses mecanismos estão agindo para promover a desumanidade, teremos uma concepção da existência concreta de uma minoria insignificante em relação à sociedade, que por sua vez se apossou indevidamente, mesmo com o respaldo legal dos dirigentes, de maneira egoísta e desumana, contribuindo danosamente como parasitas para o declínio moral da sociedade, do poder político, econômico, elaborando um projeto de finalidade individual ou dita de classe, encorajando nele toda a sociedade a se reproduzir nesse tom: míseros salários, instabilidade e outras distrações não menos acalentadoras.

Portanto, a sociedade precisa se mobilizar para captar o grau de padrão ético que ela quer para si mesma, na perspectiva de se engajar num propósito de finalidade altruísta e saudável.

Então, num todo, a sociedade decidirá se produz valores visando ao desenvolvimento global ou se ela quer continuar produzindo para as minorias abastadas, ou melhor, para as crianças crescidas da sociedade, fazendo o capricho intolerável deles, colocando toda a produção a serviço dos mesmos, dando o vital de suas vidas, não apenas via produção como também via repressão de si mesma, através de instituições repressoras como as forças armadas, a política civil, os guardas de segurança, o executivo, o legislativo, o judiciário, a educação e seus mestres, a ciência, a tecnologia, a filosofia, a religião, os partidos políticos, os sindicatos cooperativistas, os testas de ferro, etc.

Tudo isso sistematiza a força do esquema que adota a conduta do **homus individualis**, e imediatista.

A sociedade tem um peso sobre si que deve ser tirado por ela mesma, da forma que for possível, em comunhão uníssona, sem promover a desumanidade e sem aceitar a mesma, em nenhuma hipótese, sabendo desde início que toda a produção existente é construída por todos e só será humanizada se coerência administrativa de acordo com a realidade social honolística.

“A tese do amor incondicional e a antítese egoísmo incondicional é igual à humanização ou a desumanização, dependendo da opção social ou modelo político imposto sobre a sociedade.”

BIBLIOGRAFIA

- MARQUEZ, Gabriel Garcia. Ninguém escreve ao coronel. Trad. Virginia Wey. Rio de Janeiro, Sabiá, 1968, 94 p.
- GALEANO, Eduardo. Século do vento. Trad. de Eric Nepomuceno. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1968, 94 p.
- GALEANO, Eduardo, Século do Vento. Trad. de Eric Nepomuceno. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1968, 66p.
- CONDRAD, Robert. Os últimos Anos de Escravatura no Brasil. Trad. Fernandes de Castro Ferro, 2. ed., São Paulo, 1978, 375 p.
- FREIRE, João Ricardo Bessa. Dialética e Escravidão. Rio de Janeiro, Achiamé, 1989, 100 p.
- COSTA, Emília Viotti da. Abolição. Editora Global, 1986, 2. ed., 100 p.
- PIAGET, Jean. Psicologia da Inteligência. Trad. Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro, Zahar, 19 p.
- CARMO, Calebe Elias do. Problema de Criança Normal. Rio de Janeiro, JUERP, 1985, p.p. 1-94.
- LINTON, Ralph. O Homem. Uma Introdução à Antropologia. São Paulo, Martins Editora. Trad. Lavinia V., 6ª ed., 120 p.
- HARNERCKER, Marta. A Mais Valia. In: Os Conceitos Elementares do Materialismo Histórico. 1. ed. em português, 1973, pp. 213-253.
- HUBERMAN, L. História das Riquezas do Homem. Rio de Janeiro, Zahar, 1973, Cap. XIII, XIV, e XV, pp. 155 a 186.
- RAPPAPORT, C.R. (Coord.) Teorias do Desenvolvimento, Conceitos Fundamentais. São Paulo, EPU, 1981, pp. 11-51.